



EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO DOCENTE NO CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (RS).

TANIZE MACHADO GARCIA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²;

¹Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPEL – nize.garcia@gmail.com

²Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPEL – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como proposta revisitar a minha experiência em ocasião do Estágio Docente Supervisionado, na condição de mestrande no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPEL), na disciplina de *Antropologia do Turismo*, incluída na grade curricular do primeiro semestre de formação dos acadêmicos de Bacharelado em Turismo (UFPEL). A disciplina foi ministrada em 2017-1, pela Prof^a. Dr^a. Louise Prado Alfonso, minha orientadora na pesquisa de dissertação em curso “A *requalificação* do Mercado Público de Pelotas (RS) e os processos de transformação no contexto social contemporâneo do *centro histórico*”.

A docente também é coordenadora do projeto de pesquisa “Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, que abrange o projeto de extensão “Mapeando a noite: o universo travesti”, com foco para o fluxo e as relações sociais dos trabalhadores e das trabalhadoras da prostituição no centro da cidade de Pelotas. Ambos os projetos são vinculados ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da UFPEL.

A proposta da disciplina visava a aproximação entre ensino, pesquisa e extensão, possibilitando reflexões conjuntas entre discentes e docentes sobre o centro da cidade de Pelotas, a partir da antropologia e do turismo. Segundo César (2013), a tríade citada tem por finalidade o processo de ensino e nela se firmam as instituições de ensino superior no Brasil, em concordância com a Constituição Federal de 1988. Um dos debates principais foi sobre as seleções realizadas nesses processos de construção e eleição de patrimônios de uma localidade (NOGUEIRA, 2007). A partir do estudo de caso de Pelotas, foi evidenciado que esses processos realizam “apagamentos” sociais (ALFONSO E RIETH, 2016), como aconteceu na revitalização do centro histórico de Pelotas que causou a invisibilização e exclusão das prostitutas das calçadas do Mercado Público. Dessa forma, a disciplina possibilitou analisar as reverberações sociais a partir de uma abordagem teórica e prática sobre patrimônio, turismo e antropologia.

2. METODOLOGIA

Na ocasião do estágio, a disciplina foi dividida em três módulos. Na primeira etapa os alunos tiveram a oportunidade de entrar em contato com os debates teóricos clássicos que constituíram a disciplina de antropologia. Contando também com a apresentação de pesquisas de mestrado e doutorado em andamento de alguns acadêmicos do Programa de Pós- Graduação em Antropologia (UFPEL).

O segundo módulo foi metodológico, dividido entre discussão bibliográfica sobre metodologia em antropologia e experiências práticas de campo, sendo uma delas no Mercado Público de Pelotas. O objetivo era uma experiência de campo que resultasse na produção final de um ensaio etnográfico sobre o Mercado. Segundo Magnani (2009), “não se pode separar etnografia nem das escolhas teóricas no interior da disciplina, nem da particularidade dos objetos de estudos



que impõem estratégias de aproximação com a população estudada e no trato com os interlocutores” (2009, p.133), por isso entendemos que a produção de conhecimento científico a partir da etnografia (pensada não apenas como método) pode contribuir para que o profissional em turismo se aproxime da realidade estudada e concretize projetos turísticos mais sustentáveis.

O último módulo aprofundou as discussões da Antropologia do Turismo, a partir de seminários sobre diferentes realidades de turismo. Bem como, um debate sobre o turismo na cidade de Pelotas, dando enfoque ao centro histórico e suas dinâmicas patrimoniais. Amarrando o campo com as discussões teóricas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tive, portanto, a oportunidade de auxiliar no planejamento da disciplina, mediante a relação que já havia sido estabelecida entre orientada e orientadora, de forma que pudéssemos ampliar não apenas a minha formação com a experiência em docência, mas também convidar as/os alunas/os a acompanhar alguns dos resultados da minha pesquisa em andamento. Durante o segundo módulo, juntamente com Guilherme Ruchaud, meu colega no mestrado, realizei uma apresentação sobre experiências práticas de implantação de políticas públicas de patrimônio cultural, ressaltando o conceito de patrimônio construído a partir da visão da antropologia, enquanto um conceito ampliado.

Expusemos aos alunos, as práticas usuais nas diretrizes de gestão do patrimônio material para a *requalificação* dos espaços públicos. De acordo com NOGUEIRA (2007) são selecionadas temporalidades e aspectos culturais que visam “traduzir” as culturas. Esses elementos são importantes nas construções narrativas sobre os lugares, na condição de discursos oficiais das localidades focos dessas políticas patrimoniais. Com o passar do tempo, demais aspectos das culturas e das temporalidades eleitas, acabam sendo excluídos e, com isso, grupos e representatividades também o são.

Amarramos a apresentação com os resultados parciais dos projetos de pesquisa e extensão vinculados ao GEEUR, mencionados anteriormente. Também relacionamos com meu projeto de pesquisa “A *requalificação* do Mercado Público de Pelotas (RS) e os processos de transformação no contexto social contemporâneo do *centro histórico*”. Constatamos nesses processos patrimoniais a *tentativa* de “apagamentos sociais” que excluem coletividades que se vêem marginalizadas por diversas razões, no caso de Pelotas, ou por serem negras, vulneráveis socialmente ou mesmo trabalhadoras/es informais, tais como os vendedores ambulantes, prostitutas, etc. Grupos que representam aquilo que “não deve ser visto”, principalmente quando se pretende o receptivo turístico.

Como exemplo, naquele encontro apresentei às/aos alunas/os algumas observações e análises da minha pesquisa, ainda em andamento. O recorte foi dado para o processo de *requalificação* do Mercado Público e entorno, realizado a partir de uma parceria entre a Secretaria de Cultura do Município e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através de imagens que mostravam o Mercado em transformação ao longo do tempo. Como consequência desta aula, e dos encontros pretéritos, pautados no plano de ensino da disciplina, programamos nosso encontro para a aula prática nas dependências do Mercado Público, para a semana seguinte, no dia dez de julho de 2017.

Nos encontramos no horário rotineiro para início das aulas na universidade, em período noturno. As/os alunas/os, aproximadamente trinta e cinco, estavam presentes, munidos de caderno de campo e caneta, para a realização de sua pesquisa de reconhecimento do campo, de observações e anotações em diário.



Após a abertura da aula, realizada pela docente, as/os alunas/os foram-se dispersando. Varias/os seguiam em grupos de três ou quatro colegas, outras/os seguiam destemidamente solitárias/os, olhos curiosos, observando aquele local com mais interesse do que já haviam demonstrado quando em nossas conversas anteriores, em sala de aula. Não raro, as/os alunas/os se reportavam a mim e a minha orientadora para expor algumas dúvidas, sobre aproximação das pessoas, realização de perguntas às/aos prováveis interlocutoras/es, ou mesmo contando algumas das cenas que haviam percebido, já com algum resultado de um olhar unido das teorias (PEIRANO, 2014; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000) as quais haviam experimentado no decorrer do semestre.

Como resultado da experiência de campo, os relatos etnográficos das/os alunas/os evidenciavam a condição *em transformação* do espaço patrimonial do Mercado. As impressões de algumas/ns alunas/os destacavam ter observado o uma moralização do Mercado. Para um dos discentes, a presença dos seguranças circulando fazendo a ronda pelo local seria para manter distante as/os trabalhadoras/res da prostituição.

“(...) Salta aos olhos também o ambiente do Mercado mais “limpo”, no sentido comportamental ou social: local há tempos atrás, de grande movimentação de prostitutas, agora mostra grande número de seguranças cuidando dos transeuntes e um público digamos, “selecionado”.

No entanto, outro aluno mostra que, seja como forma de resistência e destas/destes profissionais no local, as pichações nas portas do banheiro seriam para marcar a permanência desses grupos no Mercado Público “(...) ali não era vendido apenas o que estavam nas prateleiras (...). Na porta dos banheiros encontrei muitas frases registradas (...) vendiam sexo sem compromisso (...)”. Outras considerações dos alunos sobre o Mercado mostram um ambiente frequentado por diversos grupos: “(...) Mercado é um lugar que encontramos vários tipos de pessoas, jovens a idosos, classe alta, média, baixa, um lugar público que podemos encontrar vários tipos de cultura (...)”; enquanto em outro trabalho a aluna descreve que “(...) ao longo das observações fomos abordados por pessoas pedintes, (...) uma senhora veio até o nosso grupinho pedir dinheiro (...)”, (trechos extraídos dos ensaios finais).

Esta atividade permitiu que evidenciássemos que a disciplina teve sucesso em realizar a articulação entre os três principais eixos da *praxis* pedagógica da Instituição - ensino, pesquisa e extensão. Possibilitando que fossem conectadas as teorias das duas áreas do conhecimento àquelas comunidades que frequentam o Mercado. Com a possibilidade de pensar para além de das fronteiras físicas da instituição, ou seja, a prática de campo sobrepôs-se a localização da universidade no espaço, multiplicando entendimento sobre as formas de construir cidade, com a pluralidade de percepções sobre ela (AGIER, 2011). César (2013) evidencia que não se pode dissociar ensino de pesquisa ou extensão, pois os processos integrados refletem os alcances do trabalho acadêmico de qualidade, que aproximam a universidade da sociedade, além de contribuir para o entendimento social da produção acadêmica, a autorreflexão crítica e a importância da prática das teorias (2013).

4. CONCLUSÕES

Tendo por base a compreensão de que todo o processo de conhecimento, à luz da antropologia e do turismo, se dá com base nas práticas sociais e na observância das relações entre teoria e prática, considero que cada etapa na qual se processou a disciplina, possibilitou aos alunos uma visão mais ampla sobre os



impactos nas relações sociais geradas pela atividade turística - em termos de planejamento. As reflexões em sala de aula, assim como as que resultaram dos ensaios etnográficos, colocam a associação das disciplinas como fundamental para a formação de turismólogos engajados com os grupos com os quais podem vir a trabalhar. Ainda convém salientar que o envolvimento com as atividades posteriores e a compreensão das leituras subsequentes resultaram em trabalhos finais de qualidade superior aos que foram realizados antes da ida a campo. Conclui-se de grande importância a união das disciplinas quando associadas na formação dos profissionais em turismo, pelo caráter produção de pensamento sobre as relações sociais de ambas. Demonstrando o quanto a/o turismóloga/o em formação se coloca na posição de antropólogo do turismo para pensar seu próprio campo de atuação.

Dessa forma, a competência da disciplina, compreendida no plano de ensino, confrontando as áreas em pesquisa pelos projetos tanto de pesquisa sobre a cidade (Margens) e sobre o patrimônio (Mercado Público), como mencionado anteriormente, representam a concordância entre o projeto de extensão (Mapeando a noite) e as abordagens prático-teóricas as quais os alunos tiveram a possibilidade de vivenciar tanto em sala de aula, quanto em suas experiências de campo para a abordagem final em um ensaio etnográfico a partir do ingresso em suas vidas acadêmicas. Tendo sido exitosa a aplicabilidade do amplo processo e produção ensino, pesquisa e extensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M.. **Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos**. São Paulo: Ed, Terceiro Nome, 2011

ALFONSO, L. P.; RIETH, F.M.S.. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRIINI, Sandra de Cássia. (Org.). **Patrimônios plurais: iniciativas e desafios**. Rio Grande: Editora da FURG, p. 131-147, 2016.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed.Unesp, 2000.

CESAR, S. B.. **A indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e a gestão do conhecimento: estudo em universidade brasileira**. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Empresariais. Curso de Mestrado em Sistema de Informação e Gestão do Conhecimento. FUMEC, 2013.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>.

MAGNANI, J. G. C. ETNOGRAIA COMO prática e EXPERIÊNCIA. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

NOGUEIRA, A. G. R.. **Inventário e patrimônio cultural no Brasil**. História, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 257-268, 2007.